

## A QUIMERA DO DESENVOLVIMENTO EM QUESTÃO: 8 teses contemporâneas e o mundo pandêmico<sup>1</sup>

Clério Plein<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo deste ensaio é revisitar teses contemporâneas sobre desenvolvimento e realizar um exercício de interpretação da pandemia do Coronavírus. O método consiste em revisão bibliográfica das teses de Douglass North, Amartya Sen, Jared Diamond, Karl Polanyi, Sérgio Boisier, Ignacy Sachs, Gilberto Dupas e Alberto Acosta, para então estabelecer uma comparação das suas interpretações e considerar a aplicação de seus referenciais em relação à pandemia. Como principais resultados percebe-se que estes autores alertam para as seguintes questões: i) A matriz institucional é fator determinante em relação ao modo como é feito o enfrentamento da pandemia; ii) A pandemia nos privou de um conjunto de liberdades substantivas; iii) O surgimento de doenças pode ser lido como uma reação da natureza em função da forma como a sociedade vive em que a saúde sempre é colocada em segundo plano; iv) Muitas pessoas conseguiram reagir às diferentes crises causadas pela pandemia, entretanto, o papel do Estado é central no processo; v) As características regionais são decisivas no enfrentamento da pandemia, passando por questões ambientais, econômicas, sociais e políticas; vi) O enfrentamento da pandemia precisa conciliar as dimensões econômica, social, ambiental, política e territorial; vii) É necessário reconstruir o equilíbrio entre indivíduo, sociedade e a natureza com um novo estilo de vida; viii) A pandemia demonstrou a incapacidade do sistema capitalista, associado à ciência e a tecnologia, em lidar com os problemas ambientais e sociais decorrentes, pois, mais uma vez, os mais pobres é que sofrem os maiores prejuízos.

**Palavras-chave:** Teorias do desenvolvimento. Evolução da noção de desenvolvimento. Covid 19.

### *THE DEVELOPMENT CHIMERA IN QUESTION: 8 contemporary theses and the pandemic world*

### ABSTRACT

*The aim of this essay is to revisit contemporary developmental theses and perform an exercise in interpreting the Coronavirus pandemic. The method consists of a bibliographical review of the theses of Douglass North, Amartya Sen, Jared Diamond, Karl Polanyi, Sérgio Boisier, Ignacy Sachs, Gilberto Dupas and Alberto Acosta, in order to then establish a comparison of their interpretations and consider the application of their references in relation to the pandemic. As main results, it can be seen that these authors draw attention to the following issues: i) The institutional matrix is a determining factor in relation to the way in which the pandemic is dealt with; ii) The pandemic deprived us of a set of substantive freedoms; iii) The emergence of diseases can be read as a reaction of nature due to the way society lives in which health is always placed in the background; iv) Many people were able to react to the different crises caused by the pandemic, however, the role of the State is central in the process; v) The regional characteristics are decisive in facing the pandemic, including environmental, economic, social and political issues; vi) The fight against the pandemic needs to reconcile the economic, social, environmental, political and territorial dimensions; vii) It is necessary to rebuild the balance between the individual, society and nature with a new lifestyle; viii) The pandemic demonstrated the incapacity of the capitalist system, associated with science and technology, in dealing with the resulting environmental and social problems, since, once again, the poorest suffer the greatest damage.*

**Keywords:** Development theories. Evolution of the notion of development. Covid-19.

<sup>1</sup> Ensaio teórico apresentado em banca pública como requisito para a promoção do docente à classe de Professor Associado da UNIOESTE no dia 12 de maio de 2021. Foi escrito com o propósito de servir como texto didático para os alunos de graduação do curso de Serviço Social, na disciplina “Teorias do Desenvolvimento” e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável, na disciplina “Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural”. Portanto, a sua elaboração tem um débito, fazendo as isenções de praxe, com os alunos, com os quais foram travados diversos debates acerca da temática abordada pelos autores aqui (re)visitados. Cabe ainda um agradecimento às contribuições dos membros da Banca de Professor Associado (Adilson Francelino Alves e Wilson João Zonin da UNIOESTE e Dirceu Basso da UNILA) com as devidas isenções.

<sup>2</sup> Bacharel em Economia Doméstica (UNIOESTE). Mestre e Doutor em Desenvolvimento Rural (UFRGS). Professor Associado da UNIOESTE. E-mail: clerioplein@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

O que é desenvolvimento? Para quem e para quem serve? Como promover o desenvolvimento? Estas questões, continuamente debatidas em diferentes momentos históricos e com diversas abordagens já se tornaram quase que metafísicas, tal a falta de senso e consenso em relação ao seu significado. De acordo com Veiga (2010), existem três tipos de postura em relação à estas indagações. A primeira trata o desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico; a segunda afirma que é um mito ou ilusão e a terceira trata-se do desafio enfrentado pelos que não se conformam com as duas primeiras posturas, e tenta “explicar que o desenvolvimento nada tem de quimérico e nem pode ser amesquinçado como crescimento econômico” (VEIGA, 2010, p. 18). Portanto, comunga-se com os inconformados do terceiro grupo, acreditando que o debate e a construção de novas sínteses sempre são necessários para o avanço da ciência, na busca incansável de compreender o mundo à nossa volta.

Na longa trajetória das ideias sobre desenvolvimento, este já foi associado à evolução, progresso e crescimento. Como elementos-chave para explicar o desenvolvimento e o crescimento econômico de longo prazo, figuram, por exemplo, os mercados, a população, a tecnologia, a variável ambiental, a exploração e as instituições (FAVARETO, 2007).

Percebe-se que o debate sobre o que é e como promover o desenvolvimento é complexo e cercado de polêmica. Conforme destacado por Abramovay (2003, p. 74), “não existe consenso sequer entre os especialistas sobre o significado da palavra desenvolvimento”. O autor alerta, ainda, para o fato de que até hoje, desenvolvimento ainda é confundido com crescimento econômico, o que pode ser conferido nos dicionários de economia<sup>3</sup>.

Apesar das diversas e diferentes interpretações, o que talvez seja comum à maioria delas é que desenvolvimento está relacionado com qualidade de vida dos indivíduos e, para tanto, as condições econômicas são importantes, porém, existem outras variáveis relevantes. Se durante

---

<sup>3</sup> O “novíssimo dicionário de economia” define desenvolvimento econômico como “crescimento econômico (aumento do Produto Nacional Bruto *per capita*) acompanhado pela melhoria do padrão de vida da população e por alterações fundamentais na estrutura de sua economia” Destaca ainda que “o desenvolvimento de cada país depende de suas características próprias (situação geográfica, passado histórico, extensão territorial, população, cultura e recursos naturais)”. De maneira geral, considera que as mudanças que caracterizam o desenvolvimento econômico são “o aumento da atividade industrial em comparação com a atividade agrícola, migração da mão-de-obra do campo para as cidades, redução das importações de produtos industrializados e das exportações de produtos primários e menor dependência de auxílio externo” (SANDRONI, 1999, p. 169).

muito tempo, sobretudo na “era de ouro” do capitalismo (1945-75), a concepção de desenvolvimento estava associada às ideias de progresso e crescimento do Produto Interno Bruto, a partir dos anos 1980 e principalmente 1990, outros elementos começam a ganhar corpo nesse debate, principalmente as questões ambientais, a justiça social e a necessidade de participação dos atores no processo de planejamento e gestão (PLEIN, 2016).

Diante da amálgama deste panorama, o objetivo deste ensaio teórico é resgatar, sumarizar e comparar algumas abordagens sobre o que se entende por desenvolvimento nos debates contemporâneos, bem como, de forma incipiente, um exercício de entender aspectos da pandemia (Covid-19) à luz destes autores. Não se trata de fazer uma coletânea, mas sim, discutir diferentes pontos de vista sobre esta questão, demonstrando a sua atualidade.

O método consiste em revisão bibliográfica comparativa de oito autores contemporâneos<sup>4</sup>. De cada autor, optou-se por escolher uma obra de maior influência ou destaque. A escolha dos autores foi baseada na atualidade da sua interpretação, procurando atender diferentes concepções teórico-metodológicas, bem como, diferentes formações acadêmicas e nacionalidades<sup>5</sup>. Assim, optou-se pela perspectiva institucional do economista norte americano Douglass North; a abordagem das capacitações do economista indiano Amartya Sen; a questão ambiental do biólogo americano Jared Diamond; a contribuição da sociologia econômica do antropólogo austríaco Karl Polanyi; a perspectiva regional e endógena do economista chileno Sérgio Boisier; o desenvolvimento sustentável do economista polonês Ignacy Sachs; o mito do progresso do cientista social brasileiro Gilberto Dupas e a questão do bem viver do político e economista equatoriano Alberto Acosta. Destaca-se que a literatura sobre desenvolvimento é vastíssima e a escolha destes autores tem um objetivo muito mais didático, servindo como introdução ao debate que naturalmente poderá e deverá ser expandido pelos que se interessam pelo tema<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Para uma revisão das principais perspectivas anteriores sugere-se a leitura de uma obra bastante didática sobre autores como Rostow, Schumpeter, Furtado e Hirschman (NIEDERLE; RODOMSKY, 2016).

<sup>5</sup> Duas questões merecem uma explicação e alguma justificativa. A primeira refere-se ao fato de que todos são homens. Isso não é proposital e sim circunstancial uma vez que há uma grande quantidade de autores que discutem desenvolvimento. Entretanto, para uma versão feminina sobre desenvolvimento sugere-se a leitura de Jane Jacobs (JACOBS, 2001 e 20110) ou ainda o clássico “primavera silenciosa” (CARSON, 2010). A segunda explicação refere-se ao fato de que a maioria dos autores são economistas de formação, o que está diretamente ligado ao fato de que na economia as discussões sobre desenvolvimento sempre estiveram mais presentes do que em outras disciplinas o que acabou gerando uma grande quantidade de autores que se dedicam ao tema. Por outro lado, esses autores, apesar de serem economistas de formação, acabam dialogando muito com outras áreas do conhecimento e produzem obras que podem ser consideradas multi ou interdisciplinares sobre desenvolvimento. Entretanto, quem busca um olhar mais sociológico sobre o tema do desenvolvimento encontrará guarida em Anthony Giddens, Ulrich Beck e Bruno Latour, por exemplo (GIDDENS, 1991; BECK, 2011 e LATOUR, 2013).

<sup>6</sup> Considerando as dimensões limitadas deste texto, não serão feitas análises críticas em relação às teses dos autores pois o objetivo é tentar sumarizar os principais conceitos e exercitar sua aplicabilidade na leitura da pandemia.

Para organizar uma comparação entre os autores e obras, o texto está organizado de forma a atender um conjunto de variáveis centrais, tais como a origem do autor, formação acadêmica, conceitos centrais e definição de desenvolvimento. Neste artigo, por razões de limitação do espaço, não serão apresentadas as aplicações da abordagem e tampouco elementos críticos sobre a teoria. Destaca-se ainda que não será feita uma exposição pormenorizada de cada autor, para isso, sugere-se a leitura dos originais.

O texto está estruturado em três partes. Na primeira será feito um breve resgate histórico sobre este debate, procurando estabelecer elementos do que se considera um ponto de ruptura relevante nos anos 1970, em que, pelo menos do ponto de vista teórico, há uma passagem da noção de que desenvolvimento é igual à crescimento e são incorporadas questões ambientais e sociais. Na segunda parte será o momento de voltar o olhar para cada um dos oito autores selecionados e as suas abordagens, conforme as variáveis já destacadas. Por fim, procura-se construir um panorama comparativo entre os autores e suas interpretações, destacando a necessidade e atualidade do tema em função da análise que pode ser feita sobre os efeitos da pandemia (covid 19) na sociedade, o que demonstram que debater desenvolvimento nunca “sai de moda”.

## **1. UM POUCO DE HISTÓRIA, CONTRADIÇÃO E POLISSEMIA**

O debate sobre desenvolvimento sempre esteve presente na economia. Para os economistas clássicos ingleses, como Adam Smith, Robert Malthus e David Ricardo, a questão chave estava em compreender a relação entre o progresso tecnológico e o crescimento da população. Portanto, para estes autores, o desenvolvimento consistia numa transformação da agricultura para a indústria. Com a Revolução Marginalista, a temática do desenvolvimento praticamente desapareceu da agenda de pesquisa da economia uma vez que a preocupação estava em compreender como as relações entre indivíduos egoístas e motivados pelo lucro poderiam gerar uma ordem macro, determinista e que levaria para um estado de equilíbrio. Desse modo, as variáveis do desenvolvimento de longo prazo (população, acúmulo de capital, progresso tecnológico e mudança institucional) foram eliminadas (DOPFER, 1994).

O processo de integração econômica entre 1870 e 1914 proporcionou a base para duas interpretações de desenvolvimento: i) a de Schumpeter, que propõe que o empreendedor e a

inovação são as principais forças de desenvolvimento<sup>7</sup>; ii) a dos economistas russos, na década de 1920, que consideravam que o crescimento econômico era proporcional ao investimento realizado em bens de capital, interpretação que inspirou economistas de 1950 a 1990 (VÁZQUEZ-BARQUERO, 2010).

Após a Segunda Guerra Mundial, a questão do desenvolvimento ganha atenção renovada, sobretudo pelo “desejo” de desenvolvimento de um conjunto de países subdesenvolvidos. Nesse momento, a teoria moderna do desenvolvimento deparava-se com duas questões cruciais: i) como explicar a perpetuação do subdesenvolvimento e quais seriam as variáveis estratégicas para o planejamento da ação política? ii) como explicar o rápido desenvolvimento dos países mais industrializados? A questão geral era entender se os países subdesenvolvidos seriam capazes de embarcar num processo de desenvolvimento uma vez que atingissem as “condições prévias”. Nesse sentido, as teorias do subdesenvolvimento<sup>8</sup> tentavam explicar como um conjunto de recursos específicos e restrições institucionais mantêm um sistema em um estado de subdesenvolvimento. Essa ideia está presente na noção de “causação circular cumulativa” de Myrdal (economista institucionalista) ou, ainda, nas formas de “círculos viciosos de pobreza” dos estruturalistas (DOPFER, 1994).

O período pós Segunda Guerra (1945-1973), originalmente denominado por Hobsbawm (1995) de “os anos dourados da era de ouro do capitalismo”, foi marcado por profundas mudanças políticas, tecnológicas, econômicas, sociais e culturais. Coincide com a fase desenvolvimentista da economia brasileira, profundamente marcada por três fases: intenso crescimento com os “50 anos em 5”, no governo de Juscelino Kubitschek; a “estagnação”, que representou o declínio do Programa de Substituição de Importações; e o “milagre” econômico, do período militar. Do ponto de vista intelectual, trata-se de um momento de debate e efervescência de ideias em que diversos autores se debruçaram sobre o tema do desenvolvimento dos países subdesenvolvidos ou, como denominados na época, do Terceiro Mundo. Diversos autores brasileiros (Caio Prado Júnior, Celso Furtado, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Gilberto Freyre, Ignácio Rangel, Raymundo Faoro e Sérgio Buarque de Holanda) procuraram explicar o “atraso” do Brasil tentando entender as raízes do problema através de uma abordagem histórica e todos convergem no sentido de que o mesmo é uma questão histórica, não genética, climática ou geográfica como queriam muitas teorias da época.

---

<sup>7</sup> De acordo com Dopfer (1994), é Schumpeter quem faz uma importante distinção entre crescimento econômico (mudanças quantitativas) e desenvolvimento econômico (mudanças qualitativas).

<sup>8</sup> No caso da América Latina, são emblemáticas as teorias da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) e a Teoria da Dependência.

Uma das teorias mais difundidas nesse período, que enfatizava a “objetividade histórica”, é o caso de Rostow (1964) para o qual, todas as sociedades passariam por cinco etapas ou estágios: sociedade tradicional, as condições<sup>9</sup> para o arranco, o arranco, a marcha para a maturidade e a era do consumo em massa. Com base nessa ideia de “estágios” ou “etapas” do desenvolvimento histórico, Rostow acreditava que uma vez satisfeitas as “condições prévias”, a sequência de desenvolvimento seria repetível e aplicável em todos os tempos históricos e espaços geográficos.

De acordo com Wolfe (1976), nesse momento histórico havia um consenso internacional em relação aos elementos centrais para o desenvolvimento, ou seja, acreditava-se que fosse um processo com requisitos uniformes, quais sejam: acumulação; industrialização; modernização agrícola; padronização da demanda dos consumidores; capacidade empresarial; difusão tecnológica e científica; educação universal; provisão de serviços sociais e de previdência social; participação crescente no comércio mundial; aumento dos fluxos financeiros líquidos dos países ricos para países pobres.

Uma mudança significativa ocorreu no início dos anos 1970 devido à sensibilização em relação aos recursos não renováveis, o que pôs em xeque a viabilidade de desenvolvimento a longo prazo. Por outro lado, houve o reconhecimento de que o modelo de desenvolvimento ocidental para superar a pobreza em massa havia falhado (DOPFER, 1994). Como elementos desta ruptura na noção de desenvolvimento a partir da década de 1970 destaca-se: i) a percepção de que crescimento é diferente de desenvolvimento; ii) a crise econômica decorrente das crises do petróleo; iii) a crise ambiental reconhecida internacionalmente em Estocolmo; iv) a crise política em função da retomada do ideário mais liberal; iiv) a crise social pelo reconhecimento de que o crescimento das décadas anteriores não foi para todos; v) a retomada da democracia em muitos países, como no caso brasileiro à partir de meados de 1980; vi) uma forte mobilização no sentido de promover a participação da população nos processos.

Celso Furtado é um autor emblemático desta mudança. Na obra “Teoria e política do desenvolvimento econômico”, faz uma crítica contundente ao otimismo de Rostow, afirmando que o subdesenvolvimento não é uma etapa pela qual todos os países desenvolvidos passaram, mas sim, uma condição histórica e estrutural do que chamou de “capitalismo bastardo” (FURTADO, 1967). “O mito do desenvolvimento econômico”, (FURTADO, 1974), é um exemplo pioneiro do

---

<sup>9</sup> De acordo com Rostow (1964) as condições indispensáveis para o arranco seriam: urbanização e industrialização; comércio internacional; redução da natalidade; investimento em infra-estrutura; especialização dos recursos humanos; dominação da natureza através da ciência e tecnologia; funcionalidade da agricultura para o desenvolvimento urbano e industrial.

debate ambiental no Brasil. Para o autor, o mito residia no fato de que o modelo de desenvolvimento perseguido gerava uma dupla contradição, expressa no esgotamento dos recursos naturais e na sua incapacidade de acabar com as desigualdades sociais (PLEIN; FILIPPI, 2012).

De acordo com Favareto (2010), a partir dos anos 1970 chegou-se ao quarto momento histórico<sup>10</sup> das discussões sobre desenvolvimento, marcado primeiramente por um processo de crise em função dos problemas com crescimentos econômico, nascimento do movimento ambientalista e intensa crítica social. Neste período, vivenciou-se também um momento polissêmico em que a noção de desenvolvimento passou a ter um conjunto muito variado de adjetivações<sup>11</sup> e por fim uma banalização, em que desenvolvimento passou a integrar os mais diversos discursos, sem, contudo, ser efetivado na prática.

Um novo período de integração econômica, a partir de meados dos anos 1980, abriu um novo cenário de desenvolvimento inspirado no fundamentalismo de mercado e com base no fracasso de muitas políticas implementadas em países em desenvolvimento. Todavia, também a partir dos anos 1980, retomam-se algumas teorias que podem ser denominadas de “desenvolvimento endógeno”. Tal perspectiva considera o desenvolvimento como um processo territorial e não funcional; metodologicamente baseia-se em estudos de caso e não, na análise transversal; considera que as políticas de desenvolvimento são mais eficazes se concebidos e implementados por atores locais e não, por uma administração central (VÁZQUEZ-BARQUERO, 2010). Para o autor, isso provocou uma mudança nos modelos e nas políticas de desenvolvimento, ou seja, uma passagem do fundamentalismo de mercado para o desenvolvimento endógeno, bem como, a ênfase em políticas territoriais ao invés de políticas regionais e industriais.

De acordo com Schneider (2011), a partir da década de 1990, questões políticas, econômicas, ambientais e sociais entraram em pauta e reanimaram as discussões sobre o desenvolvimento, retomando preocupações como a relação entre crescimento econômico e distribuição das riquezas e avançando para novas questões relacionadas à sustentabilidade, democracia e justiça social. Para o autor, “a questão do desenvolvimento está de volta” (SCHNEIDER, 2011, p. 14).

---

<sup>10</sup> O primeiro momento chamado pelo autor (FAVARETO, 2010) de **gênese** não está datado, mas remonta às discussões de similaridade da noção de desenvolvimento com os ciclos da natureza, ou seja, nascimento, crescimento, maturidade, declínio, morte. O segundo momento seria no final do século XX com a noção de **evolução**, em que continua a proximidade com a percepção de natureza só que agora de forma linear com único ciclo, ou seja, do pior para o melhor. A terceira fase refere-se diretamente ao período pós-guerra até final dos anos 1970 (era de outro do capitalismo) em que predomina a noção de **progresso** e **crescimento** e já não se fala mais de um processo biológico, e sim, mecânico e funcional com integração entre ciência, política e economia. O quarto, com explicação no texto, trata-se da **crise**, **polisssemia** e **banalização**

<sup>11</sup> Aqui trata-se literalmente de uma amálgama, ou seja, já não bastava falar em desenvolvimento, agora fala-se em desenvolvimento econômico, humano, social, sustentável, endógeno, regional, territorial.

Com base nos diferentes pontos de vista sobre desenvolvimento apresentados no quadro 01, entende-se que, no caso brasileiro, é necessário compreender as particularidades do desenvolvimento “com o capitalismo”. No entanto, o Estado possui um papel intervencionista fundamental com o propósito de alcançar objetivos sociais e ambientais. Assim, o Estado é um agente de desenvolvimento bem como a sociedade civil organizada.

**Quadro 01 - Resumo dos principais pontos de vista do desenvolvimento**

	Desenvolvimento o do capitalismo	Desenvolvimento com o capitalismo		Desenvolvimento contra o capitalismo		Rejeição do desenvolvimento
	Neo-liberalismo	Intervencionismo		Estruturalismo	"Alternativa" Desenvolvimento o centrado nas pessoas	“Pós-desenvolvimento”
	“Eficiência do mercado”	“Governo que rege o mercado”				
Visão: estado “desenvolvido” desejável	O capitalismo liberal (moderna sociedade industrial e da democracia liberal) (mais alcançar objectivos sociais / ambientais)			Moderna sociedade industrial (mas não capitalista)	Todas as pessoas e grupos atingirem seu potencial	[“desenvolvimento” não é desejável]
Teoria da mudança social	Dinâmica interna do capitalismo	Necessidade de remover “barreiras” para a modernização	A mudança pode ser dirigida de forma deliberada	Luta entre as classes (e outros interesses)	[não está claro]	[não está claro]
Papel do “desenvolvimento”	Processo imanente dentro do capitalismo	Para “melhorar as falhas desordenadas de progresso [capitalista]”		Planejamento abrangente / transformação da sociedade	Processo de empoderamento individual e grupal	A “brincadeira” que fortaleceu a hegemonia dos EUA
Agentes de desenvolvimento	Empreendedores individuais	As agências de desenvolvimento ou “curadores” do desenvolvimento (estados, ONGs, organizações internacionais)		Ação coletiva (geralmente através do Estado)	Indivíduos, movimentos sociais	Agências de desenvolvimento

Fonte: Thomas (2000, p.780). Tradução nossa do original em inglês, conforme Plein (2012, p. 45).

Thomas (2000) destaca que o termo desenvolvimento tem três sentidos principais: a) uma visão ou percepção do Estado sobre o que seria uma sociedade desejável; b) um processo histórico de mudança social no qual as sociedades são transformadas durante longos períodos; c) um esforço deliberado, das agências, governo, organizações e movimentos sociais, no sentido de promover melhorias (THOMAS, 2000, p. 777). Para o autor, o terceiro sentido tornou-se dominante no século 21, ou seja, o desenvolvimento visto apenas como prática, o que, segundo ele, é uma visão limitada do processo.

Percebe-se que a longa trajetória das discussões que cercam a questão do desenvolvimento apresenta ao menos três elementos importantes para reflexão: i) desenvolvimento é muito mais do que crescimento econômico e está relacionado com questões sociais e ambientais que demonstram a necessidade de distribuição da riqueza e sem comprometer as condições naturais do planeta para as futuras gerações; ii) Estado e atores sociais possuem papel fundamental na construção deste processo; iii) de acordo com o dicionário etimológico da língua portuguesa, desenvolvimento vem do verbo “volver”, o que significa “mudar de posição ou direção” (CUNHA, 2010, pp. 210 e 682) e nesse sentido chega-se ao próximo passo deste artigo, ou seja, como diferentes autores tentam explicar este processo de mudança.

## **2 (RE)VISITANTO 8 TESES CONTEMPORÂNEAS SOBRE DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Douglass North e o papel das instituições**

O economista americano Douglass Cecil North (1920-2015) recebeu o Prêmio Nobel de Economia em 1993 pela obra *Institutions, institutional change and economic performance*, publicada em 1990 que recentemente foi traduzida para o português (NORTH, 2018). Este fato acabou refletindo na difusão da sua obra em âmbito mundial. Trata-se de um autor que tem na história econômica comparativa entre os países uma fonte de inspiração e análise, tratando o processo de mudança institucional como elemento central.

Um dos elementos mais importantes deste autor está destacado ainda na apresentação do seu livro, qual seja, a história importa (*history matters*). Para o autor, essa relevância histórica refere-se à capacidade de entender o presente, bem como, a possibilidade para compreender o futuro de uma sociedade.

Douglass North é um dos representantes da chamada “Nova Economia Institucional” cuja análise econômica tenta desvencilhar-se da Economia Neoclássica ao introduzir a história e as instituições na interpretação dos processos de desenvolvimento. O ponto de partida foi a constatação de que nos processos econômicos haviam determinados custos, chamados de “custos de transação” que impactavam negativamente, uma vez que estes oneravam os negócios em função da necessidade de se fazer contratos e de todo aparato burocrático para fazer cumprir estes contratos.

Esta constatação voltou o olhar para a matriz institucional de uma sociedade, ou seja, a tríade composta pelas regras formais, as regras informais e a sua aplicação (*enforcement*). Para North, o desempenho econômico é resultado das instituições e da sua evolução histórica. O autor assume claramente que refere-se aos aspectos econômicos do desenvolvimento, conforme ilustrado no próprio título do livro.

North faz uma distinção interessante entre instituições e organizações utilizando-se de uma metáfora muito ilustrativa: se estivéssemos falando de um jogo de futebol, as instituições seriam as regras do jogo e as organizações os jogadores. Esta observação é muito útil na análise de uma sociedade, permitindo compreender como os diferentes atores (individuais ou coletivos) interagem diante de uma determinada matriz institucional.

Tratando do processo de evolução institucional, North é um autor bastante pessimista ao apresentar o que chamou de *path dependence*, ou seja, “a dependência de uma trajetória histórica”, o que significa que uma mudança institucional é muito difícil ou lenta pois pode-se até mudar regras formais, mas isso não garante que os indivíduos vão mudar de atitude. Assim, o processo de desenvolvimento de um país seria impactado pelas decisões erradas que tomaram no passado.

A contribuição de Douglass North para entender o desenvolvimento pode ser concebida da seguinte forma: i) o mundo real e as relações entre os indivíduos são marcadas por incertezas; ii), as instituições, que são constituídas por um conjunto de regras formais (leis, constituições e normas que estão num plano macroestrutural), regras informais (hábitos, crenças, costumes, ou seja, a cultura no nível micro do indivíduo) e as características de aplicação dessas regras (*enforcement*) são criadas com o objetivo de diminuir estas incertezas; iii) estas instituições servem de informação e moldam o comportamento dos indivíduos, que, através da sua ação (intencionalidade) modificam e criam as instituições. No processo histórico de mudança há instituições que permanecem inalteradas e outras que se modificam, porém, verifica-se uma dependência histórica do quadro institucional existente, ou seja, o *path dependence*; iv) por fim, o desempenho econômico (crescimento, estagnação ou declínio) é resultado das instituições e da sua evolução.

## 2.2 Amartya Sen e as liberdades substantivas

O economista indiano Amartya Kumar Sen nascido em 1933 tem na economia do bem-estar e desenvolvimento seus principais esforços sendo um dos criadores, em 1993, do índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Este índice é composto por três indicadores: renda, longevidade e educação. Em 1998 foi agraciado com o Prêmio Nobel de Economia como reconhecimento pelos seus esforços interpretativos da economia do bem-estar, sobretudo em função do livro *Poverty and*

*famines* de 1981. Entretanto, neste artigo será analisada sobretudo sua contribuição com o livro *Development as freedom*, publicado em 1999 (SEN, 2000).

Para Sen, o desenvolvimento é muito mais do que o que pode ser percebido pelos indicadores econômicos como renda, Produto Nacional Bruto e industrialização. O foco deve ser direcionado para a qualidade de vida, bem como, as liberdades substantivas ou instrumentais (liberdades políticas, facilidades econômicas, oportunidades sociais, garantias de transparência e segurança protetora). Assim, a questão não é sobre a renda do indivíduo, mas o que a renda lhe permite realizar.

O fato é que existe um conjunto de fontes de privação de liberdades dos indivíduos, tais como a fome, subnutrição, pobreza, doenças, analfabetismo, tirania, falta de oportunidades de trabalho, serviços públicos ruins, intolerância, negação de liberdades políticas e civis. Essas fontes de privação impedem os indivíduos de realizar as suas capacidades e viver da maneira como querem.

Portanto, para Sen, o desenvolvimento é um processo de expansão das liberdades substantivas e esse processo está diretamente ligado aos direitos (*entitlements*) e às capacidades (*capabilities*). Assim, a expansão das liberdades é considerada o meio e o fim para promover o desenvolvimento de uma sociedade, possibilitando melhoria nas condições de vida e nas liberdades desfrutadas por seus indivíduos.

Por fim, compreende-se por que o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é um indicador que pretende mediar, para além da questão econômica (renda), elementos relativos à saúde e educação. Pode-se dizer que em tese, um indivíduo que vive mais tempo (longevidade) vive melhor, bem como, um indivíduo com mais tempo na escola (educação), tem mais capacidades e oportunidades para ter a vida que gostaria. O desenvolvimento é definido como uma ampliação das capacidades dos indivíduos para fazer escolhas, e, portanto, trata-se de uma definição que não é baseada em fatores materiais ou indicadores econômicos, mas, sim, na ampliação da vida social dos indivíduos, o que fica bastante evidente no título sugestivo do livro “Desenvolvimento como Liberdade” (SEN, 2000.).

### **2.3 Jared Diamond e os desafios da natureza**

Jared Mason Diamon é biólogo, nascido em 1937 nos Estados Unidos. É considerado um polímata, biólogo evolucionário, fisiologista e biogeógrafo. Uma das suas obras mais conhecidas é o livro *Guns, germs, and steel: the fates of human societies* publicado em 1997 que lhe rendeu o

Prêmio Pulitzer de não-ficção em 1998. O livro a ser considerado neste artigo, publicado em 2005, chama-se *Collapse: how societies choose to fail or succeed* (DIAMOND, 2014).

Neste livro, o autor faz a seguinte pergunta: “por que algumas sociedades trilharam o caminho do colapso?” Para responder esta pergunta utiliza-se do método comparativo para tentar compreender de que forma os problemas ambientais contribuem para os colapsos sociais. Para tanto, analisa um conjunto de sociedades passadas, como por exemplo, os povos indígenas de Rapa Nui (Ilha de Páscoa), para tentar identificar as razões que levaram ao colapso ou à prosperidade. O autor procura se desvencilhar de explicações culturais e procura respostas na ecologia. Ao atribuir maior importância à variável ambiental, considera que existem cinco fatores principais a serem considerados: dano ambiental; mudança climática; vizinhança hostil; parceiros comerciais amistosos; respostas da sociedade aos seus problemas ambientais.

Diante destes fatores, o autor percebe que ocorrem casos de grande insensatez dos seres humanos em relação aos recursos naturais, verificando o caso de muitas sociedades antigas que surgiram, floresceram, exploraram seus recursos naturais e chegaram ao colapso. A questão que coloca refere-se aos caminhos que a sociedade deve percorrer e quais evitar. Conclui perguntando-se por que algumas sociedades tomam decisões tão desastrosas? como as grandes empresas afetam o meio ambiente? quais são os problemas ambientais hoje e o que os indivíduos podem fazer sobre esses problemas?

Diamond argumenta que para evitar o desastre é preciso coragem, praticar o pensamento a longo prazo, tomar decisões ousadas, corajosas e antecipatórias em um momento em que os problemas se tornam perceptíveis, mas antes de atingirem proporções de crise. Para o autor, o planeta conviveu e convive com 12 categorias de problemas ambientais: 1) Desflorestação e destruição de habitats naturais; 2) Problemas com o solo (erosão, salinização e perda de fertilidade); 3) Esgotamento dos recursos hídricos; 4) Perda da biodiversidade (sobrecarga, sobrepesca); 5) Redução das fontes de alimento selvagem (sobrecarga, sobrepesca); 6) Transferência de espécies exóticas para novos habitats; 7) Aumento demográfico; 8) Aumento per capita do impacto dos seres humanos; 9) Mudanças climáticas provocadas pelo homem; 10) Acumulação de produtos químicos tóxicos no ambiente; 11) Carência de recursos energéticos; 12) Dependência dos combustíveis fósseis e uso total da capacidade fotossintética do planeta.

Portanto, para Diamond a questão está em como as sociedades conseguem lidar com os problemas ambientais e desenvolver estratégias à partir do aprendizado com as sociedades do passado para sociedade não ter o mesmo destino desastroso, pois este autor diagnosticou um

padrão de catástrofe que está diretamente ligado às questões ambientais. Argumenta que a humanidade é a causa dos problemas ambientais e é quem pode resolver estes problemas.

## 2.4 Karl Polanyi e os contramovimentos

Dos autores em questão, tratados aqui como contemporâneos, Polanyi é o único que escreveu boa parte de sua obra na primeira metade do século XX, no entanto, sua contemporaneidade está no fato de que sua obra passou a ter grande influência nos estudos sobre desenvolvimento no período mais recente. Ou seja, o autor está sendo redescoberto. A sua obra talvez tenha sido ofuscada pela empolgação com que as contribuições de Keynes tiveram no período pós Segunda Guerra.

O filósofo Karl Polanyi (1886-1964) nasceu na Áustria e entre seus interesses de pesquisa figuram a história da economia, tratada numa perspectiva antropológica. Um dos seus livros mais conhecidos, *The great transformation* foi escrito em 1944, paralelamente ao clássico do pensamento liberal (O caminho da servidão de Hayek) ao qual fazia um duro contraponto. Entretanto, a obra em questão neste ensaio trata-se do livro escrito em 1977 (*The livelihood of man*) cujas contribuições permitem pensar o desenvolvimento a partir de outra perspectiva (POLANYI, 2012). O autor é um dos expoentes clássicos da chamada Sociologia Econômica.

Antes de entrar nos principais elementos conceituais deste autor é importante fazer um paralelo em relação as diferenças que existem nas interpretações econômicas e sociológicas dos processos sociais, uma vez que Polanyi faz uma oposição ao pensamento econômico tradicional. Em linhas gerais, de acordo com Hirsch; Michaels e Frieman (2003), a economia parte do pressuposto de que a natureza humana é racional e maximizadora, sua unidade de análise é o indivíduo e sua investigação utiliza-se do método dedutivo e axiomático, com ênfase em abordagens quantitativas para prever comportamentos e fatos. De forma quase antagônica, a sociologia acredita que a natureza humana é complexa e variável, procurando entender as coletividades utilizando-se de uma abordagem indutiva com dados empíricos com base em métodos qualitativos com o propósito de explicar determinada realidade. Outra diferenciação central é sistematizada por Stanfiel *et al.* (2006). Para este autor, a teoria neoclássica faz uma abordagem formalista da economia, tendo como base a escassez e como unidade de análise o indivíduo, tratando a eficiência como principal objetivo no comportamento do “homem econômico”. Já numa análise institucional ou substantivista, a base seria a necessidade material da sociedade que busca a suficiência. Pode-se concluir que Polanyi faz uma análise antropológica da economia substantiva, o que vai diferir radicalmente das análises econômicas tradicionais.

De acordo com Polanyi, não seria possível falar que existe um mercado autorregulado que age de forma invisível coordenando o comportamento dos indivíduos. Esse pensamento seria fruto de dois falsos axiomas: o de que o indivíduo age unicamente por motivações econômicas e que o econômico determinaria as relações sociais. Para o autor, acreditar na mão invisível do mercado é fruto da nossa obsoleta mentalidade mercantil. Entretanto, de acordo com Polanyi, o indivíduo é motivado por um variado número de razões, para além das razões econômicas e principalmente, seriam as relações sociais que determinam a forma como se dão as relações econômicas. É o que chama de *embeddedness*, ou seja, as relações econômicas estariam enraizadas ou imersas em relações sociais.

Outro elemento refere-se ao modo como Polanyi entende o processo econômico em que entre a produção e o consumo, a distribuição se daria de outras formas além da troca mercantil, envolvendo relações de redistribuição e reciprocidade. Ao estudar o comportamento econômico de sociedades antigas, Polanyi percebeu a importância desses processos na manutenção da população e pode-se dizer que apesar de uma maior ênfase na troca, o desenvolvimento da sociedade não acabou com a redistribuição (desempenhado pelo Estado com as políticas públicas) e nem com as relações de reciprocidade (sempre presentes em comunidades mais empobrecidas).

Por fim, talvez o principal elemento para pensar o desenvolvimento é o que Polanyi chamou de “contramovimentos”. De acordo com o autor, o sistema capitalista se desenvolve com base num duplo movimento. Por um lado, existe a lógica dominante que explora e exclui muitas pessoas das riquezas geradas. Entretanto, isso não significa que os indivíduos sejam passivos nesse processo pois eles reagem e criam alternativas para garantir a sua sobrevivência, ou seja, os “contramovimentos”. Assim, o desenvolvimento seria uma reação dos indivíduos diante de um panorama negativo, buscando alternativas para garantir a sua subsistência.

## **2.5 Sérgio Boisier e o projeto político regional**

O economista Sérgio Boisier nasceu no Chile no ano de 1939. Entre os seus interesses de pesquisa destaca-se o desenvolvimento regional, dialogando com questões relativas aos processos endógenos, locais e o território. O autor possui vasta produção sobre estas temáticas, entretanto, para efeitos deste ensaio será utilizado como base um artigo emblemático publicado em 1996 denominado “Em busca do esquivo desenvolvimento regional: entre a caixa-preta e o projeto político”. Nele, o autor avança em um conjunto de questões teóricas relevantes para pensar o

desenvolvimento regional em suas diferentes dimensões, sobretudo em relação ao projeto político de tal processo (BOISIER, 1986).

Na primeira parte do artigo o autor procura fazer uma sistematização de um conjunto de ideias para tentar explorar as características do que chama de desenvolvimento regional ou territorial. De acordo com Boisier, os cenários do desenvolvimento regional são compostos por um triângulo formado pelos seguintes elementos: 1) contextual, o que inclui os processos de globalização em função da abertura externa e a descentralização por conta da abertura interna; 2) político, considerando o Estado Nacional bem como o governo regional; 3) estratégico, em função da configuração e da gestão do território. Para Boisier, esses elementos formam uma nova epistemologia regional, pois trata-se de novos cenários e conceitos, ou seja: “uma concepção atualizada e contemporânea do desenvolvimento regional leva a reconhecer que se trata de um processo em curso com três cenários interdependentes e de recente configuração: há um cenário contextual, um cenário estratégico e um novo cenário político” (BOISIER, 1996, p. 115).

Na segunda parte do artigo Boisier concentra-se no que denominou de fatores causais do desenvolvimento regional ou territorial, apontando a necessidade de formular projetos políticos para uma articulação consistente, densa e inteligente destes fatores para promover o desenvolvimento. Nesse sentido, o autor apresenta um hexágono, defendendo que o desenvolvimento regional depende de seis fatores: 1) recursos (materiais, humanos, psicossociais e conhecimentos); 2) atores (individuais, corporativos, coletivos e ethos); 3) cultura (individual ou competitiva, cooperativa ou solidária, auto-referência); 4) entorno (mercado, estado e relações internacionais); 5) institucionais (inteligentes, virtuais, velozes e flexíveis) e 6) procedimentos (gestão, administração, informação e modernidade).

Para Boisier, o desenvolvimento não deve ser tratado como algo complicado, complexo e incompreensível (caixa-preta), mas antes de tudo, ser transformado num projeto de intervenção via projeto político de mudança da realidade em que se vive. O autor cita que muitas dessas ideias foram colocadas à prova em diferentes lugares, como por exemplo no Chile na região do Bío-bío em 1990, cujos relatórios demonstraram como os fatores explicitados no hexágono dificultavam o desenvolvimento daquela região.

## **2.6 Ignacy Sachs e a sustentabilidade**

Ignacy Sachs nasceu na Polônia em 1927, naturalizado francês, foi refugiado no Brasil nos anos 1950. É economista de formação, que se transformou no que define como um ecossocioeconomista. Sachs esteve fortemente engajado nos trabalhos da Conferência de

Estocolmo em 1972, sendo um dos fundadores da noção de ecodesenvolvimento, que viria a ser conhecido mais tarde como desenvolvimento sustentável. É autor de diversas obras sobre esta temática, entretanto, destaca-se o artigo “Em busca de novas estratégias de desenvolvimento” (SACHS, 1995) e o livro “Caminhos para o desenvolvimento sustentável”, publicado originalmente em 2000 (SACHS, 2002). Nestas duas obras, o autor vai da constatação dos sérios problemas (econômicos, sociais e ambientais) até a proposição do que entende por um desenvolvimento sustentável, apontando um conjunto de dimensões a serem observadas.

Sachs, impregnado pelo cenário global, sobretudo da década perdida dos anos 1980, está profundamente preocupado com três aspectos: as mudanças climáticas, a crise social e a crise política. Salienta que a proposição de desenvolvimento ancorada unicamente no crescimento econômico não conseguiu acabar com as desigualdades sociais e ainda gerou impactos ambientais, destruindo a capacidade de suporte do planeta para as futuras gerações. Nesse sentido, acredita que é preciso construir um novo paradigma de desenvolvimento, que contemple uma convergência entre a economia, a ecologia, a antropologia cultural e a ciência política. Portanto, para Sachs, o desenvolvimento seria uma combinação entre crescimento econômico, aumento igualitário do bem-estar e preservação ambiental.

Nas duas obras (SACHS, 1995 e 2002), o autor apresenta um panorama sobre como os diferentes padrões de crescimento acabam gerando impactos muito diferentes. Um crescimento desordenado ou selvagem (basicamente o que ocorreu no período pós Segunda Guerra), quando houve impactos econômicos positivos, às custas do aumento da desigualdade e da destruição ambiental. Já um crescimento social benigno seria àquele em que os impactos econômicos e sociais são positivos, mas com efeito destrutivo no ambiente. Um crescimento ambientalmente sustentável ou estável geraria impactos econômicos e ambientais positivos às custas das desigualdades sociais.

Por fim, o desenvolvimento seria somente àqueles processos com impactos econômicos, sociais e ambientais positivos, ou seja, o desenvolvimento sustentável (SACHS, 1995).

Uma das principais preocupações do autor é em relação às dimensões ou componentes desta sustentabilidade, e nesse sentido, percebe-se uma constante evolução com incorporação de novas preocupações com o passar do tempo. Se na formulação fundadora estavam presentes às dimensões econômica, social e ambiental, percebeu-se um avanço no sentido de acrescentar a questão espacial ou territorial e os elementos culturais. O autor apresenta um conjunto de oito critérios de sustentabilidade: social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica, política nacional e política internacional, o que significa um avanço no sentido de compreender as relações complexas presentes nos processos de desenvolvimento (SACHS, 2002).

## 2.7 Alberto Acosta e o bem viver

José Alberto Acosta Espinosa nasceu em 1948 no Equador. Político e economista, participou da fundação do *Instituto de Estudios Ecologistas del Tercer Mundo* e do partido *Alianza País*. Foi ministro de Energia e Minas e presidente da Assembleia Constituinte do Equador. Foi candidato à Presidência da República pela *Unidad Plurinacional de las Izquierdas*. É autor de diversos livros que tratam da história do Equador, colonialismo e sobre os povos tradicionais da América Latina, entretanto, nesse ensaio pretende-se abordar sua contribuição com a obra “O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos”, publicada originalmente em 2007 (ACOSTA, 2016).

Uma tradução literal para o termo *buen vivir* (versão utilizada pelo autor) seria “bom viver”, entretanto “bem viver” é a tradução que mais respeita a versão original que designa do *kíchwa* (*sumak* – belo, bonito, precioso, primoroso, excelente e *kawsay* – vida), língua da qual nasceu o conceito em sua versão equatoriana. Assim, o bem viver reconhece os problemas da sociedade em que vivemos, cuja certeza é a extinção e propõe imaginar outras possibilidades fora do capitalismo, ou seja, uma sociedade sustentável com equilíbrio entre a cidadania, a diversidade e a natureza (ACOSTA, 2016).

Trata-se de uma filosofia em construção (não há receita pronta para o desenvolvimento) que possui bases na cosmologia e no modo de vida ameríndio. A questão é aprender a viver em aprendizado e convivência “com” a natureza, não contra ela conforme os padrões atuais que tratam a natureza apenas como recurso. Precisa-se reconhecer que somos “parte” da natureza e que não podemos continuar vivendo “à parte” dos demais seres do planeta. Nesse sentido, são necessárias novas relações de produção, mais autônomas, renováveis e autossuficientes (ACOSTA, 2016).

De acordo com o autor, o “bem viver” é muito diferente da noção de “viver melhor”, ou seja, a segunda é apenas uma forma de adaptação ou reforma dentro daquilo que estamos vivendo sem gerar uma verdadeira ruptura. É preciso uma alternativa ao desenvolvimento pois desenvolvimento, conforme a própria negação implícita no termo (des) não envolve o conjunto da sociedade no processo e precisa ser questionado. Assim, o bem viver recupera a sabedoria ancestral, rompendo com o alienante processo de acumulação capitalista que transforma tudo e todos em coisas (ACOSTA, 2016).

Para Acosta o desafio para melhorar o mundo em que vivemos seria superar as relações capitalistas que geram, inevitavelmente, desigualdade, exclusão e depredação da natureza por uma nova forma de vida em que haveria equilíbrio, harmonia e convivência entre as três dimensões, quais sejam, indivíduo, sociedade e planeta. A questão é política, pois não se pode esperar uma solução “técnica”. Nosso mundo tem de ser recriado a partir do âmbito comunitário a partir dos Direitos Humanos e Direitos da Natureza (ACOSTA, 2016).

## 2.8 Gilberto Dupas e o mito

O cientista social brasileiro Gilberto Dupas (1943-2009) é formado em engenharia da produção e administração, porém, seus temas de interesse estão diretamente relacionados ao desenvolvimento econômico, sempre tratados de forma plural. Entre suas obras destaca-se “Economia global e exclusão social” (1999), “Ética e poder na sociedade da informação” (2000), “O mito do progresso ou progresso como ideologia” (2006) e “Meio ambiente e crescimento econômico” (2008). O texto refere-se especificamente ao livro “O mito do progresso” (DUPAS, 2006), bem como à um artigo síntese do livro elaborado pelo próprio autor (DUPAS, 2007).

O ponto de partida do autor está na seguinte ambiguidade: por um lado, a combinação da ciência e da técnica com o modo capitalista de produção apresenta uma imensa capacidade de crescer e de realizar praticamente tudo que é imaginado, entretanto, a realidade continua mantendo a exclusão, a concentração de renda e o subdesenvolvimento. E de forma filosófica e muito provocativa o autor faz uma pergunta que fica ressoando na mente ao analisar todo o progresso à que estamos submetidos na atualidade: “Somos, por conta desse tipo de desenvolvimento, mais sensatos e felizes?” (DUPAS, 2006, p. 14). Assim, nos provoca no sentido de tomar a felicidade como um indicador de desenvolvimento.

De modo geral, o autor constata que o PIB (Produto Interno Bruto) não é, e nunca foi orientado para o bem-estar geral e, portanto, a pergunta que precisa ser feita é para quem serve o progresso. Nesse sentido, ao analisar o contexto da América Latina com a retomada das ideias liberais (neoliberalismo), constata que os países conseguiram dominar um inimigo comum (a inflação), porém, foram incapazes de resolver o problema da pobreza.

Para Gilberto Dupas, o progresso (desenvolvimento) é um mito! A ideia de progresso não passa de um mito uma vez que pobreza e questões ambientais não são resolvidas. O “mito” está associado ao fato de que toda a tecnologia e riqueza gerada pelo capitalismo não foi capaz de acabar com a miséria e ainda acabou com o meio ambiente. Esta perspectiva dialoga com um livro

publicado por Celso Furtado em 1974, em que chega às mesmas conclusões em “o mito do desenvolvimento econômico” (FURTADO, 1974).

**Quadro 02: Síntese comparativa dos autores.**

Variável	NORTH	SEN	DIAMOND	POLANYI	BOISIER	SACHS	ACOSTA	DUPAS
Nacionalidade	EUA	Índia	EUA	Áustria	Chile	Polônia	Equador	Brasil
Formação	Economia	Economia	Biologia	Filósofo	Economia	Economia	Economia	Administração Engenharia da produção
Pesquisa	História econômica	Economia do desenvolvimento Economia do bem estar Pobreza Fome	Biologia evolucionário Fisiologia Biogeografia	História econômica Antropologia Sociologia	Desenvolvimento endógeno, local, regional e territorial	Desenvolvimento sustentável	História Latinoamericana	Desenvolvimento econômico Exclusão social Meio ambiente
Foco	Econômico	Social	Ambiental	Antropológico	Governança	Ecosocioambiental	Política / Cultural	Político
Principais variáveis	História Custos de transação Instituições (regras formais, regra informais e sua aplicação) Mudança institucional	Qualidade de vida Privação de liberdades Liberdades substantivas Entitamentos Capacitações	Dano ambiental Respostas da sociedade	Economia substantiva Redistribuição Reciprocidade Contramovimentos	Planejamento Governança Território Desenvolvimento endógeno	Social Cultural Ecológica Ambiental Territorial Econômica Política	História Cultura ameríndia Cosmologia Filosofia de vida Relação indivíduo, sociedade, natureza	Economia Política Sociedade Meio ambiente
O que é desenvolvimento	Desenvolvimento é função das instituições e da sua evolução.	Desenvolvimento como expansão das liberdades substantivas	Desenvolvimento depende da nossa capacidade de aprender com o passado e tomar decisões acertadas em resposta aos problemas ambientais que surgem	Desenvolvimento é um contramovimento dos atores frente uma sociedade que os explora e exclui	Desenvolvimento é resultado de um projeto político que depende de seis fatores	Desenvolvimento é uma combinação entre crescimento econômico, aumento igualitário do bem-estar social e preservação ambiental	Nova forma de viver em harmonia com a natureza	É um mito por conta da contradição entre possibilidades e incapacidade de acabar com a pobreza e cuidar da natureza
Possibilidades do desenvolvimento	Pessimista em função da dependência histórica de um quadro institucional difícil de mudar	Otimista em função das capacitações do indivíduo potencializadas por um estado que amplia as liberdades substantivas.	Depende da capacidade e vontade que temos para resolver os problemas ambientais	Os indivíduos são capazes de reagir à um ambiente hostil	É possível, mas precisa de um projeto político	É possível desde que as dimensões estejam em equilíbrio	Não é possível no capitalismo mas aponta um caminho com base na cultura ameríndia	Não é possível no capitalismo mas não aponta um caminho

Fonte: Sistematização do autor com base na interpretação das obras citadas no texto.

### 3. DESENVOLVIMENTO E A PANDEMIA

Entre o final de 2019 e início de 2020 o mundo se deparava com algo completamente diferente e que transformou, talvez para sempre, nossas perspectivas. As primeiras notícias sobre o coronavírus, depois apelidado de COVID-19 surgiram na cidade de Wuhan na China em outubro de 2019. No Brasil o primeiro caso foi diagnosticado em São Paulo no mês de fevereiro de 2020 (AGÊNCIA BRASIL, 2021). No mês seguinte iniciei a redação deste artigo, e um texto que circulou pela internet chamou bastante atenção, sobretudo deste que escreve:

Algo invisível chegou e colocou tudo no lugar. De repente os combustíveis baixaram, a poluição baixou, as pessoas passaram a ter tempo, tanto tempo que nem sabem o que fazer com ele, os pais estão com os filhos em família, o trabalho deixou de ser prioritário, as viagens e o laser também. De repente silenciosamente voltamos para dentro de nós próprios e entendemos o valor da palavra solidariedade. Num instante damos conta que estamos todos no mesmo barco, ricos e pobres, que as prateleiras dos supermercados estão vazias e os hospitais cheios e que o dinheiro e os seguros de saúde que o dinheiro pagava não têm nenhuma importância porque os hospitais privados foram os primeiros a fechar. Nas garagens estão parados igualmente os carros de última geração ou ferros velhos antigos simplesmente porque ninguém pode sair. Bastaram meia dúzia de dias para que o Universo estabelecesse a igualdade social que se dizia ser impossível de repor. O MEDO invadiu todos. Que ao menos isto sirva para nos darmos conta da vulnerabilidade do ser humano. Não se esqueçam. BASTOU MEIA DÚZIA DE DIAS.<sup>12</sup>

Sem julgamentos sobre o teor, assertivo ou não do texto, o que importa aqui é demonstrar aspectos do sentimento que invadiu as pessoas nesse novo panorama que se desenhava. Ironicamente, aproveitei o tempo do isolamento social para dar início à redação deste artigo (março de 2020) e hoje, abril de 2021, o cenário que temos é que o isolamento continua e, de acordo com as estatísticas (JHU, 2021), já foram registrados 139.508.140 casos no mundo (13.746.681 casos no Brasil, o terceiro maior) e 2.992.388 mortes no mundo (365.444 no Brasil, o segundo maior). A vacinação chegou ao Brasil no mês de janeiro de 2021 e especula-se que o alcance do conjunto da população ocorra em meados de 2022 (BBC, 2021).

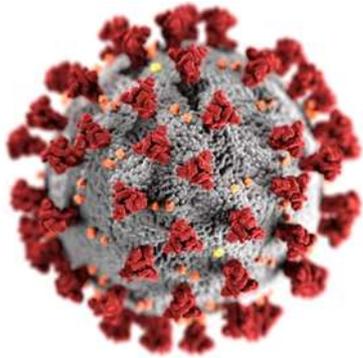
Neste cenário novo, desafiador para todos, sobretudo quem pensa alternativas de desenvolvimento, pretende-se dialogar com o a pandemia a partir das interpretações dos autores selecionados que apresentam diferentes perspectivas de desenvolvimento com o objetivo de

---

<sup>12</sup> O texto é atribuído à influenciadora Gabriela Pugliesi que o teria apagado de seu post após ser criticada nas redes sociais por sua “visão romantizada” (CATRACALIVRE, 2021).

tentar olhar para este cenário com base nestas perspectivas. Assim, o quadro 03 é um esforço de sistematização procurando aprendizados com estas teorias.

**Quadro 03: Covid-19 e alguns aprendizados com as teorias do desenvolvimento.**

<p><b><u>NORTH</u></b> A matriz institucional de uma sociedade, composta pela tríade das regras formais, regras informais e a sua aplicação, é fator determinante em relação ao modo como é feito o enfrentamento da pandemia. O que se percebe, é que nos países em que há um enorme crescimento de casos e mortes, há um grande distanciamento entre esses três fatores, como é o caso brasileiro, com disputas legais, comportamentos bizarros e quase nenhuma aplicação do marco legal estabelecido. Seria muito mais fácil enfrentar a pandemia se houvessem regras adequadas, comportamentos responsáveis e aplicação rígida das regras estabelecidas.</p>	<p><b><u>SEN</u></b> Se teve algo valioso que a pandemia nos tirou foram nossas liberdades substantivas que vão muito além da liberdade de sair de casa, transitar e viajar. Fomos privados da nossa saúde, da nossa possibilidade de trabalhar, da obtenção de rendas ou lucros. Da liberdade de acessar os serviços públicos como educação (com calendário suspenso) e saúde (com o colapso do sistema em muitas cidades). Temos entitamentos, temos capacitações, porém nos falta a liberdade de usufruir daquilo que temos. Resultados como mortes, desemprego e falências demonstram a fragilidade frente à perda das liberdades substantivas.</p>	<p><b><u>DIAMOND</u></b> O surgimento de doenças pode ser lido como uma reação da natureza em função da forma como a sociedade vive em que a saúde sempre é colocada em segundo plano. O principal ponto, uma vez causado o dano ambiental com a disseminação do vírus em escala planetária, está em perceber como cada sociedade responde ao problema. Nesse sentido, percebe-se as mais variadas respostas, desde a negação do problema, a falta de cuidado e a tomada de decisões e estratégias para o enfrentamento da pandemia. Os resultados podem ser vistos diretamente no número de casos e mortes em diferentes países, regiões e municípios.</p>
<p><b><u>POLANYI</u></b> A pandemia causou estragos para além das questões de saúde da população como desemprego e queda nas rendas. Entretanto, isso não significa que as pessoas tenham ficado reféns do processo pois percebe-se que muitas pessoas e mesmo empresas estão reinventando as formas de fazer as coisas e garantir sua sobrevivência neste ambiente hostil. Outra questão é o papel central do Estado nesse processo com as políticas de redistribuição bem como as relações de reciprocidade entre a população como elementos importantes para buscar alternativas.</p>		<p><b><u>BOISIER</u></b> A pandemia pode apresentar os mesmos sintomas e efeitos em todas as regiões, mas seu potencial de contaminação e enfrentamento vai depender de diversos fatores que vão diferenciar um lugar de outro em função das características regionais como ambiente, organização social política e cultura, bem como, a forma de articulação do local com o global e vice versa. Trata-se de uma abordagem que remete ao processo de planejamento como estratégico no enfrentamento da pandemia, seja do ponto de vista da área de saúde como no mundo dos negócios e educação.</p>
<p><b><u>SACHS</u></b> A pandemia pode ser considerada uma resposta do planeta pela forma destrutiva do crescimento econômico desordenado que sempre coloca as preocupações com a saúde em segundo plano, o que fica cada vez mais evidente com o crescimento dos casos de infecção e mortes contrastando com uma liberação das atividades econômicas. O enfrentamento da pandemia se daria com uma tentativa de conciliar as dimensões econômica, social e ambiental, aliada à cultura política nacional e internacional, bem como a consideração das características territoriais diferenciadas.</p>	<p><b><u>ACOSTA</u></b> A pandemia e mesmo a capacidade das diferentes sociedades de lidar com ela está relacionado ao nosso estilo de vida que trata a natureza apenas como recurso, cuja única certeza que temos é de extinção. Assim, o corona vírus seria apenas mais um elo desta corrente. A superação da pandemia passaria, inevitavelmente, por uma mudança de vida e do modo de produção, uma vez que a sociedade capitalista tem, na sua essência, a desigualdade e a destruição da natureza. É necessário reconstruir o equilíbrio entre indivíduo, sociedade e a natureza. É preciso construir um novo estilo de vida.</p>	<p><b><u>DUPAS</u></b> A pandemia demonstrou a incapacidade do sistema capitalista, associado à ciência e a tecnologia, em lidar com os problemas ambientais e sociais decorrentes. O mito fica óbvio à medida que os pobres são, mais uma vez, os que estão tendo os maiores prejuízos, seja do ponto de vista da saúde, bem como, do ponto de vista econômico. O cenário de enfrentamento de um problema de saúde pública global fica ainda mais severo à medida que vemos decisões políticas das mais ambíguas possíveis que conseguem travar o enfrentamento por questões ideológicas.</p>

Fonte: Elaboração do autor. Fonte da imagem: Portal R7 (2020).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA NÃO CONCLUIR**

A terceira lei dá conta do fato de que o movimento geral da realidade *faz sentido*, quer dizer, não é absurdo, não se esgota em contradições irracionais, ininteligíveis, nem e perde na eterna repetição do conflito entre teses e antíteses, entre afirmações e negações. A afirmação engendra necessariamente a sua negação, porém a negação não prevalece como tal: tanto a afirmação como a negação são superadas e o que acaba por prevalecer é uma síntese, é a *negação da negação* (CONDER, 1984, p. 59).

A redação deste artigo possui um histórico que se confunde com o “mundo novo” instaurado pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19). Iniciou-se quando surgiam os primeiros casos no Brasil e o processo de isolamento social decorrente. Nesse sentido, o próprio objetivo que inicialmente seria focar numa revisão de algumas teorias contemporâneas sobre o significado do desenvolvimento passou para a incorporação do “flerte” com o panorama do “mundo pandêmico”, mesmo sabendo que isso poderia comprometer a possibilidade de aprofundamento das teorias. Optou-se por correr este risco considerando a relevância da possibilidade de esboçar um diálogo entre conceitos e perspectiva com uma realidade empírica que estava e está desafiando tudo e todos.

A escolha por oito teorias também foi intencional, procurando provocar no leitor uma reflexão sobre a dialética implícita em tal numeral. As diferentes perspectivas, que acabam estabelecendo uma verdadeira amálgama de significados, acabam provocando um sentimento de quase impossibilidade de entendimento desta quimera chamada desenvolvimento. Assim, pactua-se da perspectiva dialética para compreender o significado de desenvolvimento, amparado, sobretudo, pela terceira lei da dialética, conforme epígrafe acima, constitui um dos principais ensinamentos para o processo de avanço da ciência na sua tentativa de compreender o mundo. Trata-se da “superação dialética”, que na perspectiva hegeliana “é simultaneamente a negação de uma determinada realidade, a conservação de algo de essencial que existe nessa realidade negada e a elevação dela a um nível superior” (CONDER, 1984, p. 26). É com esse espírito que diferentes teorias do desenvolvimento foram “revisitadas” na tentativa de encontrar elementos para compreender o mundo pandêmico e os desafios dos seus processos de desenvolvimento.

Numa perspectiva histórica, a compreensão do que é desenvolvimento passou por diferentes significados, desde sua vinculação com processos naturais como a ideia de evolução, passando pela noção de progresso em função do crescimento de variáveis econômicas e tecnológicas, viveu uma crise do ponto de vista das suas contradições sociais e dos problemas ambientais e no período contemporâneo incorpora um conjunto muito variado de ênfases e significados. Em diferentes momentos históricos e dependendo da teoria, muitos “motores do desenvolvimento” foram citados como, por exemplo, a demografia, a tecnologia, as instituições, os empresários, entre outras variáveis. Entretanto, poderíamos dizer que talvez o principal significado de desenvolvimento esteja ligado à melhoria das condições de vida da população, e aqui partilha-se da perspectiva de Celso Furtado escrita de forma brilhante no que pode ser chamado de sua “carta testamento”, último escrito do autor em que afirma:

(...) o *crescimento econômico*, tal qual o conhecemos, vem se fundando na preservação dos privilégios das elites que satisfazem seu afã de modernização; já o *desenvolvimento* se caracteriza pelo seu projeto social subjacente. Dispor de recursos para investir está longe de ser condição suficiente para preparar um melhor futuro para a massa da população. Mas quando o projeto social prioriza a efetiva melhoria das condições de vida dessa população, o crescimento se metamorfoseia em desenvolvimento (FURTADO, 2004, p. 484).

As oito teorias aqui analisadas enfatizam diferentes aspectos do desenvolvimento. Para Douglass North o desenvolvimento está diretamente ligado à evolução das instituições de uma sociedade. Amartya Sen compreende o desenvolvimento enquanto um processo de expansão das liberdades substantivas dos sujeitos. Na visão de Jared Diamond o desenvolvimento depende da capacidade das sociedades em aprender com o passado e tomar decisões acertadas em resposta aos problemas ambientais que surgem. De acordo com Karl Polanyi, o desenvolvimento pode ser entendido como um contramovimento dos atores frente uma sociedade que explora e exclui diversos segmentos. Já para Sérgio Boisier, é resultado de um projeto político regional que depende de um conjunto variado de fatores. Numa perspectiva multifacetada, Ignacy Sachs afirma que o desenvolvimento é uma combinação entre crescimento econômico, aumento igualitário do bem-estar social e preservação ambiental. Recuperando saberes dos povos indígenas, Alberto Acosta entende que o desenvolvimento seria a construção de uma nova forma de viver em harmonia com a natureza. Por fim, Gilberto Dupas entende que o desenvolvimento não passa de um mito por conta da contradição entre possibilidades e incapacidade de acabar com a pobreza e cuidar da natureza.

Por fim, diante do “mundo pandêmico” em que passamos a viver desde o final de 2019, de forma hipotética, pretende-se fazer algumas considerações no sentido de dialogar com alguns dos princípios das teorias revisadas, considerando, obviamente, a necessidade e as possibilidades de ampliar e testar estas afirmações como novas agendas de pesquisa. Portanto, acredita-se que: i) A matriz institucional de uma sociedade é fator determinante em relação ao modo como é feito o enfrentamento da pandemia; ii) A pandemia nos privou de um conjunto de liberdades substantivas; iii) O surgimento de doenças pode ser lido como uma reação da natureza em função da forma como a sociedade vive em que a saúde sempre é colocada em segundo plano; iv) Muitas pessoas conseguiram reagir às diferentes crises causadas pela pandemia, entretanto, o papel do Estado é central no processo de superação; v) As características regionais são decisivas no enfrentamento da pandemia, passando por questões ambientais, econômicas, sociais e políticas; vi) O enfrentamento da pandemia precisa conciliar as dimensões econômica, social e ambiental, aliada à cultura política nacional e internacional, bem como a consideração das características territoriais diferenciadas; vii) É necessário reconstruir o equilíbrio entre indivíduo, sociedade e a natureza com um novo estilo de vida; viii) A pandemia demonstrou a incapacidade do sistema capitalista, associado à ciência e a tecnologia, em lidar com os problemas ambientais e sociais decorrentes, pois, mais uma vez, os mais pobres é que sofrem os maiores prejuízos.

Esse conjunto de afirmações hipotéticas acima reforça a necessidade e atualidade de discutir desenvolvimento, ou seja, onde as sociedades pretendem chegar e o que estão fazendo para chegar lá. Se o verdadeiro objetivo do desenvolvimento for melhorar as condições de vida do conjunto da população no presente e no futuro, há muito ainda o que ser feito, sobretudo considerando o modo de vida da sociedade. Talvez, a maior lição do processo de isolamento social ao qual fomos todos, de alguma forma submetidos, nos ensine, finalmente, que menos pode ser mais e que o que realmente importa, são as pessoas e a sua felicidade.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. *et al.* Mercados do empreendedorismo de pequeno porte no Brasil. In: COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE (CEPAL); DEPARTMENT FOR INTERNATIONAL DEVELOPMENT (DFID). **Pobreza e mercados no Brasil**: uma análise de iniciativas de políticas públicas. Brasília: CEPAL; DFID, 2003. p. 235-311.

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar novos mundos. São Paulo: Elefante, 2016

AGÊNCIA BRASIL. **Primeiro caso de covid-19 no Brasil completa um ano**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano>. Acesso em 16 abr. 2021.

BBC. **Previsão de vacinação**: quando você deve tomar a vacina, se novo cronograma do Ministério da Saúde se confirmar. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56500870#:~:text=%20O%20ritmo%20de%20vacina%C3%A7%C3%A3o%20no,popula%C3%A7%C3%A3o%20para%20meados%20de%202022..> Acesso em 16 abr. 2021.

ULRICH, Beck. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

CARSON. Rachel. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Gaia, 2010.

CATRACALIVRE. **Web critica Gabriela Pugliesi por visão romantizada do coronavírus**: influenciadora apagou o post depois de ser duramente criticada. Disponível em <https://catracalivre.com.br/saude-bem-estar/web-critica-gabriela-pugliesi-por-visao-romantizada-do-coronavirus/>. Acesso em 20 jan. 2021.

CUNHA, Antônio Gerado da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CONDER, Leandro. **O que é dialética**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DIAMOND, Jared. **Colapso**: como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

DOPFER, Kurt. Development theory. In: HODGSON, Geoffrey M.; SAMUELS, Warren J.; TOOL, Marc R. (Ed.). **The Elgar companion to institutional and evolutionary economics**. New York: Edward Elgar, 1994. p. 145-152.

DUPAS, Gilberto. O mito do progresso. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 77. mar. 2007. pp. 73-89.

\_\_\_\_\_. **O mito do progresso**: ou progresso como ideologia. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

FAVARETO, Arilson. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão**. São Paulo: Iglu; FAPESP, 2007.

FURTADO, Celso. **Teoria e política do desenvolvimento econômico**. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1967.

\_\_\_\_\_. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

\_\_\_\_\_. Os desafios da nova geração. **Revista de Economia Política**, vol. 24, n. 4 (96), outubro-dezembro/2004. pp. 483-486.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HIRSCH, Paul; MICHAELS, Stuart; FRIEMAN, Ray. “Mãos sujas x modelos limpos”: estará a sociologia em risco de ser seduzida pela economia? In. PEIXOTO, João; MARQUES, Rafael (orgs.). **A nova sociologia econômica**. Oeiras: Celta, 2003. pp. 103-123.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **A natureza das economias**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001.

JHU. Johns Hopkins University. **COVID-19 Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU)**. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em 16 abr. 2021.

LATOURETTE, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

NIEDERLE, Paulo André; RADOMSKY, Guilherme Francisco Waterloo (Orgs.). **Introdução às teorias do desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

NORTH, Douglass Cecil. **Instituições, mudança institucional e desempenho econômico**. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

PLEIN, Clério. **Desenvolvimento, mercados e instituições**: uma abordagem institucional da pobreza rural. Curitiba: CRV, 2016.

\_\_\_\_\_. **Os mercados da pobreza ou a pobreza dos mercados?** as instituições no processo de mercantilização da agricultura familiar na Microrregião de Pitanga, Paraná. 2012. 266 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) —Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

\_\_\_\_\_.; FILIPPI, Eduardo Ernesto. Do mito do desenvolvimento econômico ao mito do progresso: uma homenagem a Celso Furtado e Gilberto Dupas. **Perspectiva Econômica**, São Leopoldo, v. 8, n. 1, p. 13-23, jan./jun. 2012.

POLANYI, Karl. **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

PORTAL R7. **Cientistas chineses previram há um ano nova epidemia de coronavírus**. Disponível em <<https://noticias.r7.com/saude/cientistas-chineses-previram-ha-um-ano-nova-epidemia-de-coronavirus-06022020>>. Acesso em 07 jul. 2020.

ROSTOW, Walt Whitman. **Etapas do desenvolvimento econômico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

\_\_\_\_\_. Em busca de novas estratégias de desenvolvimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 9, n. 25, 1995, pp. 29-63.

SANDRONI, Paulo (Org.). **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 1999.

SCHNEIDER, Sergio. Apresentação. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, n. 27, p. 14-23, maio/ago. 2011.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

STANFIELD James R. *et al.* Karl Polanyi on the limitations of formalism in economics. **Research in Economic Anthropology**, v. 25, p. 241-266, 2006.

THOMAS, Alan. Development as practice in a liberal capitalist world. **Journal of International Development**, Malden, n. 12, p. 773-787, 2000.

VÁZQUEZ-BARQUERO, Antonio. **The new forces of development: territorial policy for endogenous development**. Singapore: World Scientific Printers, 2010.

VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XX**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

WOLFE, Marshall. **Desenvolvimento: para que e para quem: indagações sobre política social e realidade político-social**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976.